

Língua de Sinais no Currículo de Educação de Surdos: Algumas Questões

Carolina Hessel Silveira¹

Neste trabalho, vou discutir algumas questões sobre Língua de Sinais ou estudos surdos no currículo de educação de surdos. Na primeira parte, vou retomar um pouco da história da educação de surdos até a atualidade. Na segunda parte, vou trazer alguns dados de pesquisa que realizei na minha dissertação de mestrado.

1. Um pouco da história da educação de surdos. Tendências atuais.

Como sabemos, a educação dos surdos sempre foi decidida pelos ouvintes. Lulkin (2000, p.31) nos conta que foi no século XVIII que apareceu a educação pública dos surdos, na França. Muito importante foi a pessoa do abade L'Épée, que já naquela época valorizava o uso da língua de sinais na educação dos surdos. Conta-se que naquela época se fundaram várias escolas para surdos na Europa e que se utilizavam das línguas de sinais nacionais.

Mas, depois disso, veio o Congresso Mundial de Professores de Surdos, em Milão, na Itália, em 1880. Lá se concluiu que todos os surdos deveriam ser ensinados pelo Método Oral Puro, contra o uso da Língua de Sinais. No começo do século XX, no Brasil, foi adotado o oralismo como método de educação dos surdos, seguindo o congresso de Milão.

No final da década de 1970, começa no Brasil a Comunicação Total, que foi adotada por várias escolas de surdos. Depois, na década de 1980, por causa dos estudos de Linguística e de outras teorias, começa a teoria de educação de surdos chamada Bilinguismo. No bilinguismo, adota-se a Libras como primeira língua e o Português como segunda língua. Esta é a tendência dominante atual na educação de surdos.

Tudo isso tem a ver com a importância da Língua de Sinais para a identidade surda e para o seu desenvolvimento.

Perlin (s/d, p.1) nos diz:

Como datar o início da História da Língua dos Sinais? Ela surgiu com o surdo. A falta de audição deve ser sempre a iniciativa para o surdo usar sinais. Cada sinal é um visível espaço de comunicação, a captação pelos olhos depende da percepção e do conhecimento da pessoa em relação a significados e significações do mesmo. Na História em geral, o aparecimento da língua de sinais está ligado à educação do surdo.

¹ Professora assistente, na área de LIBRAS, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutoranda em Educação pela PPGEDU/UFRGS.

A autora nos informa que em cada país, cada povo surdo tem sua língua de sinais, com registros muito antigos. A língua de sinais é a língua materna e natural dos surdos, e é diferente para cada povo. O bilinguismo reconhece a importância da língua de sinais para a identidade surda.

Tudo isso combina com a minha experiência e com o que venho pensando sobre os surdos e sua educação. Também nas leis, essa ideia é a que predomina sobre a educação de surdos. A importância da Libras é reconhecida no Decreto 5.623, de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei 10.436/2002, e determina, em seu artigo 3º:

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

2. Importância e dificuldades atuais na implantação da Língua de Sinais

Entendo que os estudos surdos se tornam importantes na escola, no currículo, porque estão envolvidos com a construção da identidade desses alunos, dando-lhes poder através de ações concretas, como criar comunidades, associações de surdos, atuar na educação de surdos, nos movimentos surdos, até ter conhecimentos de variantes de língua de sinais. Os estudos surdos incluem o ensino de língua de sinais e ensino de cultura surda. Isso vai fazer o empoderamento desses alunos e fazer com que assumam sua identidade.

Mas, infelizmente, a maioria das escolas brasileiras de surdos não tem ensino de língua de sinais, por acreditar dispensável esse ensino focalizado no currículo, uma vez que já existe a comunicação pela língua de sinais nas outras disciplinas. Outras escolas têm a filosofia do oralismo; acho que o maior problema é a tradição da filosofia oralista ou comunicação total. Algumas escolas que têm a filosofia do oralismo ou comunicação total aceitam língua de sinais na teoria, mas na prática não usam ou usam pouco.

Também atualmente há livros que tratam dos estudos surdos, dos estudos culturais, ou língua de sinais ou vários temas sobre surdos, mas a educação de surdos não usa ou ignora possíveis mudanças na educação desses alunos. A educação sempre é conservadora, embora haja mudanças no tempo e espaço em qualquer cultura, diferenças, etc. A educação sempre demora para acompanhar as mudanças da sociedade.

Assim, vemos que as escolas de ouvintes têm ensino de língua portuguesa, história (das culturas ouvintes), filosofia, que ajudam a política, os conhecimentos, o ensino da cidadania, num currículo que começou a existir no século XIX.

As escolas de ouvintes têm ensino de língua portuguesa; para que serve, se os alunos ouvintes já falam português? Para desenvolver diferentes possibilidades de explorar a língua. Conhecer suas variantes, adequar o uso ao contexto, desenvolver a escrita, e assim por diante. É a mesma coisa: surdos necessitam do estudo de língua

de sinais. A disciplina de história, para que serve? Ter conhecimentos sobre a linha do tempo, os acontecimentos, as políticas, os interesses, as formas de pensar... A filosofia? Para ajudar a refletir, aprofundar o pensamento, identificar relações de poder... Assim, surdos também precisam ter conhecimentos sobre os acontecimentos que envolvem a comunidade surda, para adquirirem sua identidade, para se inserirem em sua cultura, etc. No caso dos ouvintes, eles têm uma vida social, com muitas informações, que vêm da família ouvinte, da mídia, de vários lugares. Mas como podem os surdos construir a sua identidade, se muitos deles vêm de famílias em que só existem ouvintes?

Só pela educação, pelas associações de surdos, pela comunidade surda. Por isso resolvi estudar o currículo de língua de sinais de uma forma geral, e neste trabalho trago alguns dados da pesquisa.

Lembro que os linguistas pesquisam a língua de sinais já faz anos. Há livros publicados sobre língua de sinais, mas poucas escolas usam as discussões e reflexões dos surdos; sempre usam educação do passado, ignorando os estudos sobre a LS e não incorporando os aspectos que são fundamentais da perspectiva surda. A filosofia de surdos não é só de agora, já existe há séculos, mas sofreu “violência filosófica” dos ouvintes como no Congresso de Milão, em 1880, que estabeleceu o predomínio do oralismo. Atualmente, nós, professores de surdos, temos de resgatar a filosofia do passado.

Para iniciar a pesquisa fiz um primeiro levantamento de currículos de LS existentes nas escolas de surdos no Rio Grande do Sul, através de informações que eu tinha sobre essas escolas. Para encontrar esses currículos, mandei mensagens por *e-mail* e também perguntei diretamente aos professores surdos das escolas, que eu já conhecia. Eu fiz duas perguntas simples: se havia ensino de língua de sinais na escola e se havia escrito (documentado) nas escolas de surdos. No Rio Grande do Sul, tive contato com professores de treze escolas de surdos (região metropolitana de Porto Alegre e maiores cidades do estado); dessas, apenas onze têm ensino de LS; dez têm currículo escrito, um documento. Dessas treze escolas de surdos, dez são públicas e três são privadas.

Inicialmente, peguei três currículos escritos de escolas do Rio Grande do Sul. O primeiro pertence à Escola de Ensino Fundamental Frei Pacífico, de Porto Alegre, que é particular, pois tenho contato nesta escola. Também acessei o currículo escrito de outra escola, Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire (CMET) que é municipal, de Porto Alegre, e que ensina alfabetização e pós-alfabetização, como se fossem séries iniciais. O CMET trabalha só com jovens de mais de 14 anos e adultos. Também poucas escolas de surdos têm o currículo de Língua de Sinais nas séries iniciais, por isso escolhi esta escola. O último currículo escrito foi retirado da Escola Estadual Lília Mazon, estadual, de Porto Alegre, e que tem ensino fundamental.

Observei, então, esses currículos escritos das escolas gaúchas, que mostraram poucos conteúdos para o ensino. Alguns conteúdos eu desconheço. Não existe

nenhuma explicação nesses conteúdos. Para analisá-los, vou chamar os currículos escritos das escolas como currículo A, currículo B e currículo C.

Os currículos A e B são listas de conteúdos divididos por série, sem mais explicações. Eles são parecidos entre si e diferentes do currículo C. Por isso, vou analisar o currículo C depois.

Também fiz entrevistas com professores surdos que aplicam tais currículos. Sobre o currículo A, a professora entrevistada disse que o currículo foi feito no ano de 1999, ficou intacto até hoje; mas algumas modificações só as professoras anotam em seus papéis, como caderno ou agenda. Também há muitos conteúdos repetidos todos os anos, sem explicação da diferença. A 1^a e 2^a séries mostram conteúdos totalmente iguais: **Trabalhar em história, Hora do conto, Vocabulário de sinais, Gramática de Libras, Escrita de Língua de Sinais, Configuração das mãos, Descrição das figuras, Jogos e Valores.**

Esse currículo não mostrou totalmente o poder, tendo poucos conteúdos, repetitivos, reproduções, simplificações, desestimulantes... Conforme Silva (1999, p. 134):

Quais são as implicações dos Estudos Culturais para a análise do currículo e para o currículo? Em primeiro lugar, os Estudos Culturais permitem-nos conceber o currículo como um campo de luta em torno da significação e da identidade.

Então mostro agora outro currículo escrito de outra escola, que é parecido com este currículo que acabei de explicar. Só foi ampliado e modificado um pouco, o que foi feito no ano 2005.

Também na escola B, a professora surda entrevistada descobriu, no ano de 2005 em que ela começou a trabalhar, que existe ensino de língua de sinais há anos mas nunca teve um currículo documentado, porque outros professores surdos não resolveram fazer um currículo nem pegar um currículo velho para modificar. Será que foram colonizados pelos ouvintistas ou não tinham uma reflexão surda ou não tinham empoderamento surdo? Esses professores já eram mais antigos na escola, e na época deles na educação não havia ensino de língua de sinais para que eles pudessem ter reflexão surda e ter empoderamento surdo.

Sobre o currículo B, todos os conteúdos das séries são parecidos, só vão aumentando. Por exemplo, na 1^a série há nove conteúdos (**Hora do conto, Explorar vocabulários de sinais, Trabalhar em histórias, Conversas, Jogos, Descrição das figuras, Narrativa das figuras, Configuração das mãos e Expressões faciais**). Na 2^a série existem todos esses nove, mais dois conteúdos (**Arquitetura da escola e Teatro**). Na 3^a série, há os onze conteúdos da 2^a série, mais seis conteúdos: **Sequência em Libras, Conhecimentos com sinais em lugares, História dos surdos, Piadas surdas, Cultura surda e Datas comemorativas.**

A análise dos conteúdos mostra que os currículos são repetidos de uma série para a outra. Parece que os alunos não vão para a frente. Organizei quatro grupos de conteúdos:

O primeiro grupo de conteúdos é **Libras (I)** que mostra vários assuntos; exemplo de conteúdo – **Hora do Conto, Trabalhar em histórias, Gramática de Libras, Configuração das mãos, Escrita de Língua de Sinais, LIBRAS X Língua Portuguesa, Sequência em Libras, Conhecimentos com sinais em lugares, Expressões faciais, Expressões corporais.**

O segundo grupo de conteúdos é **Cultura Surda (II)**, que contém os conteúdos **História do surdo, Cultura surda, Piada surda** (este tem alguma relação com a questão das identidades surdas).

O terceiro grupo tem alguns conteúdos que são mais de **Metodologia (III)**, de como trabalhar para desenvolver vocabulário e Libras, como **Descrição de figuras, Jogos, Conversas, Narrativa de figuras, Teatro, Ditados em Libras. Outros conteúdos (IV)** são mais difíceis de explicar, porque pertencem ao currículo geral.

O último currículo – C – escrito na escola, observei que é diferente dos outros currículos A e B. Ele foi apresentado escrito à mão pelo próprio professor surdo, e não é documento da escola. O currículo mostrou que é surdo, e o seu principal conceito é **Identidade Cultural**, com vários grupos (11), de conteúdos. Os onze grupos são: Literatura, Língua de Sinais, Espaço, Legislação, História/Tempo, Tecnologia, Poder /Saber, Piada, Mídia, Saúde/Ciência Interfaces. Na entrevista que realizei com o professor, verifiquei que ele tem conhecimento profundo de muitas questões debatidas entre os grupos surdos e pode passar isso para seus alunos, representando uma abertura para o empoderamento dos surdos.

3. Observações finais

Podemos observar que existe muito por fazer ainda no currículo de Língua de Sinais e Cultura Surda. Entre os principais problemas encontrados nesse estudo inicial estão: a maioria dos currículos foi improvisada; eles tiveram poucas mudanças em sua aplicação; nem foram discutidos esses currículos; professores não têm formação de língua de sinais; a maioria das escolas só tem um professor surdo de língua de sinais, o que dificulta a troca de ideias ou informações com outros professores da mesma escola. Em resumo, o currículo de língua de sinais foi pouco discutido com os professores surdos e, de maneira geral, se apresenta de forma muito pobre.

Mas há algumas novidades boas, como o currículo (C) que está sendo desenvolvido por um professor com consciência da importância da identidade surda. Este professor, que vive na comunidade surda, tem conhecimento de política surda etc. Também, neste momento, estão anunciando um novo curso de graduação a distância em Letras/Licenciatura com habilitação em Língua Brasileira de Sinais (Libras) na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). A UFSC oferecerá o curso a partir deste ano, em parceria com outras oito instituições de ensino superior. Isto pode melhorar a qualificação do ensino de Língua de Sinais, mas só se incorporar as discussões que

já vêm sendo feitas na comunidade dos surdos nos últimos anos. Todas as questões de currículo para as escolas dos surdos são também questões para a política da comunidade surda.

Referências

BRASIL, Decreto-lei nº 5.626. Disponível em http://www.presidencia.gov.br/CCIVIL/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em 19 de março de 2006.

LULKIN, Sérgio. *O silêncio disciplinado – a invenção dos surdos a partir de representações ouvintes*. Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, Porto Alegre, 2000.

PERLIN, Gládis. *A história da língua do povo surdo*. Texto digitado, s/d.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *O currículo como fetiche – a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.